



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 02/08/2013 a 08/08/2013

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Prof. Ms. Emerson Juliano Lucca²
Guilherme Gadonski de Lima³

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Professor, Economista, Mestre em Desenvolvimento, Analista e responsável técnico pelo Laboratório de Economia Aplicada e CEEMA vinculado ao DACEC/UNIJUI.

³ Estudante do Curso de Economia da UNIJUI – Bolsista PET-Economia.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

Produto Data	GRÃO DE SOJA (US\$/bushel)	FARELO DE SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO DE SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
02/08/2013	13,31	412,10	42,38	6,60	4,76
05/08/2013	13,29	402,60	42,72	6,45	4,69
06/08/2013	13,24	390,00	42,11	6,50	4,72
07/08/2013	13,27	400,30	41,64	6,43	4,68
08/08/2013	13,55	422,50	41,65	6,41	4,73
Média	13,33	405,50	42,10	6,48	4,72

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais* (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA		Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	65,05	-0,31
RS - Santa Rosa	64,55	-0,15
RS - Ijuí	65,05	-0,15
PR - Cascavel	62,30	0,00
MT - Rondonópolis	56,95	-0,87
MS - Ponta Porã	59,50	-0,34
GO - Rio Verde (CIF)	57,30	-1,38
BA - Barreiras (CIF)	55,70	-0,71
Argentina (FOB)**	225,00	0,00
Paraguai (FOB)**	126,00	-1,18
Paraguai (CIF)**	169,50	-4,78
RS - Erechim	24,75	-2,75
SC - Chapecó	24,70	-2,18
PR - Cascavel	19,05	-4,99
PR - Maringá	19,50	-4,88
MT - Rondonópolis	13,31	-2,85
MS - Dourados	16,15	-4,44
SP - Mogiana	20,35	-6,44
SP - Campinas (CIF)	23,64	-2,92
GO - Goiânia	18,75	0,54
MG - Uberlândia	22,20	-0,22
RS - Carazinho	835,00	2,58
RS - Santa Rosa	835,00	2,58
PR - Maringá	975,00	2,85
PR - Cascavel	970,00	3,52

*Período entre 02/08 e 08/08/13

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 08/08/2013

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	23,23	58,21	33,46

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	33,90
Feijão (saco 60 Kg)	139,36
Sorgo (saco 60 Kg)	19,97
Suíno tipo carne (Kg vivo)	2,28
Leite (litro) cota- consumo (valor bruto)	0,86
Boi gordo (Kg vivo)*	3,53

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago voltaram a ceder durante esta semana, embora em ritmo bem menos intenso, especialmente para os meses mais recentes. Todavia, as constantes quedas nas últimas semanas levaram o mercado a uma correção técnica nesta quinta-feira (08), com as cotações subindo bem. O fechamento deste dia ficou em US\$ 13,55/bushel, para o primeiro mês cotado (agosto), enquanto novembro fechou em US\$ 11,84. A diferença entre os dois meses é de US\$ 1,71/bushel no momento. Vale destacar que a partir do dia 15/08 sai agosto e entra setembro na primeira posição de cotação, mês este mais fraco. O óleo de soja em Chicago continuou sua queda, fechando a semana em 41,65 centavos de dólar por libra-peso, enquanto o farelo de soja chegou a romper o piso dos US\$ 400,00/tonelada curta em alguns momentos da semana. Algo que também não era visto há muito tempo.

O centro do movimento continua sendo o mesmo: clima normal nos EUA, com chuvas adequadas e projeção de uma safra acima de 93 milhões de toneladas neste país, fato que recomporia os estoques finais. Nesse sentido, importante se faz destacar que neste próximo dia 12/08 teremos mais um relatório de oferta e demanda do USDA, o qual comentaremos no próximo boletim.

Paralelamente, as condições das lavouras nos EUA melhoraram, com a soja apresentando, até o dia 04/08, 64% das mesmas em condições entre boas a excelentes, 27% em situação regular e 9% apenas entre ruins a muito ruins. Na semana anterior, 63% estavam entre boas a excelentes.

Além deste elemento climático favorável, importante se faz destacar que a especulação financeira nas bolsas vem perdendo força há algum tempo, tendo ganho mais razão para tal comportamento com o novo anúncio do Banco Central estadunidense de que a injeção mensal de US\$ 85 bilhões, via resgate de títulos, estaria para ser reduzida já a partir de setembro. Ora, menos dinheiro disponível menos recursos para especular em todas as áreas. Aliás esse tem sido um dos motivos, embora não o mais importante, para a desvalorização do Real brasileiro nos últimos 90 dias.

Pelo lado do mercado propriamente dito, as inspeções de exportação de soja por parte dos EUA, para o ano 2012/13, atingiram a 37.039 toneladas na semana encerrada em 01/08, confirmando o aperto de oferta no curto prazo naquele país. No ano passado, na mesma época, o volume inspecionado foi de 351.745 toneladas. No acumulado do ano comercial, iniciado em 01/09/12, o volume alcança 35,3 milhões de toneladas, contra 35,2 milhões na mesma época do ano anterior. Já as exportações líquidas estadunidenses de soja, para o ano 2013/14, a se iniciar em 01/09/13, atingiram a 1,03 milhão de toneladas na semana encerrada em 25/07. O principal comprador foi a China com 558.000 toneladas. Para 2012/13 o volume exportado ficou em 78.500 toneladas. No total dos dois anos o volume ficou bem acima do esperado pelo mercado.

Por sua vez, na Argentina os produtores locais já haviam comercializado 56% da safra 2012/13 neste início de agosto, contra 78% em igual período do ano anterior.

Enfim, os prêmios voltaram a melhorar nos portos brasileiros, com Rio Grande acusando valores entre 20 e 60 centavos de dólar por bushel para agosto. Nos demais

portos nacionais, o valor ficou entre menos 8 centavos e mais 30 centavos de dólar. Na Argentina (Rosário) o prêmio oscilou entre menos 20 e mais 20 centavos de dólar. E nos EUA (Golfo do México) os mesmos ficaram entre US\$ 1,50 e US\$ 1,95/bushel.

Quanto ao mercado brasileiro, mesmo com um câmbio ao redor de R\$ 2,30 por dólar, os preços acabaram recuando, sob pressão de Chicago. A média gaúcha no balcão ficou em R\$ 58,21/saco, havendo regiões que trabalham ao redor de R\$ 56,00, enquanto os lotes se mantiveram entre R\$ 63,00 e R\$ 63,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes recuaram para valores entre R\$ 50,00/saco em Sapezal (MT) e R\$ 61,50/saco em Cascavel e Pato Branco, no Paraná.

A tendência continua sendo de baixa quanto mais avançar a safra dos EUA. Nesse momento, em se mantendo um câmbio ao redor de R\$ 2,25 por dólar, para maio/14, o balcão gaúcho, em safra cheia, poderá obter, na melhor das hipóteses, o preço de R\$ 51,70/saco. Considerando que Chicago possa recuar mais (ao redor de US\$ 11,00/bushel em colheita cheia nos EUA) e o câmbio brasileiro venha para níveis ao redor de R\$ 2,15, o preço do saco de soja, em maio/14, ficaria pelo menos em R\$ 46,20/saco, com potencial para recuar a R\$ 43,50/saco dependendo da percentagem de descontos aplicada pelos compradores do produto. Obviamente, tudo isso em havendo safra cheia nos EUA e na América do Sul em 2013/14. A primeira está quase garantida, enquanto a segunda é uma incógnita, embora se aponte um aumento de área cultivada.

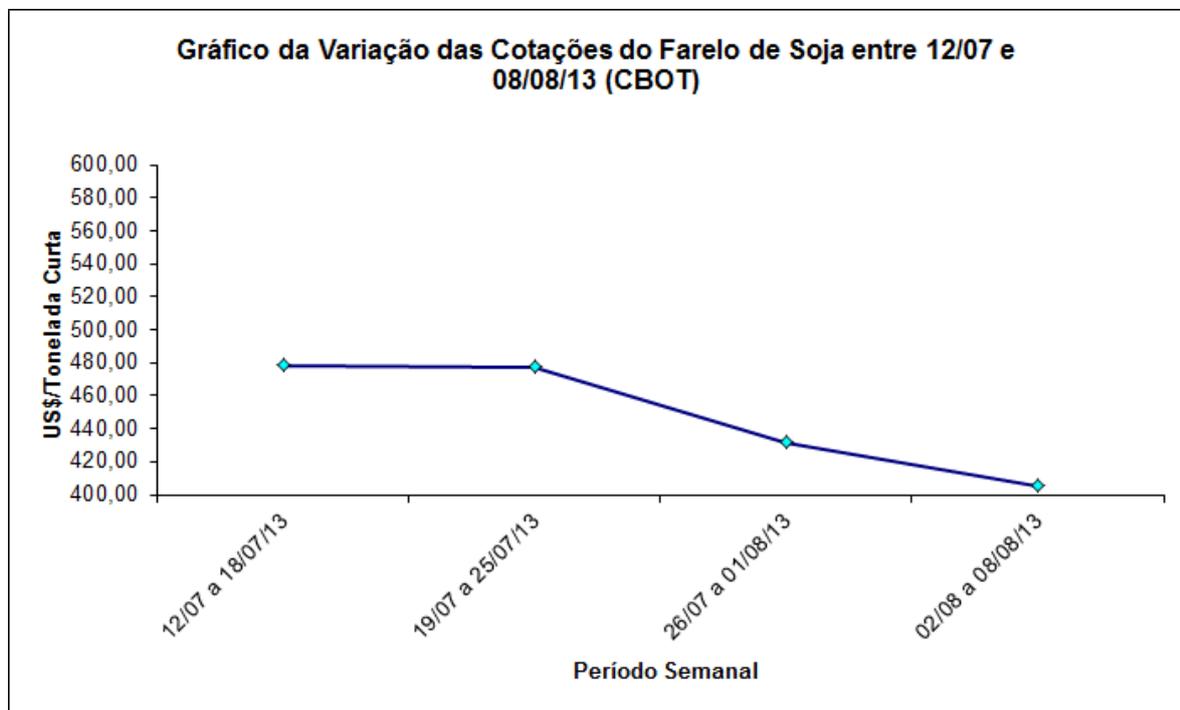
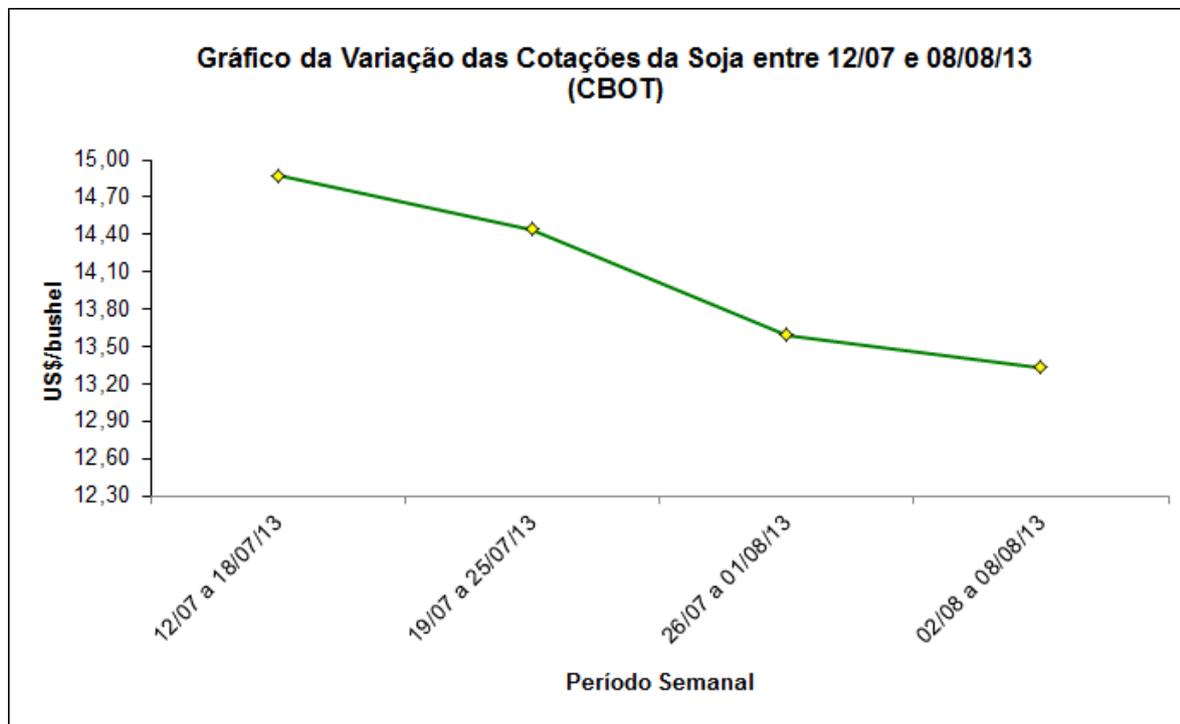
Neste contexto, continuam interessantes os preços futuros para a soja, oferecidos pelo mercado neste momento. Embora já tenham recuado em relação aos seus melhores momentos, os mesmos ainda são bem superiores aos valores que estão sendo projetados para a colheita.

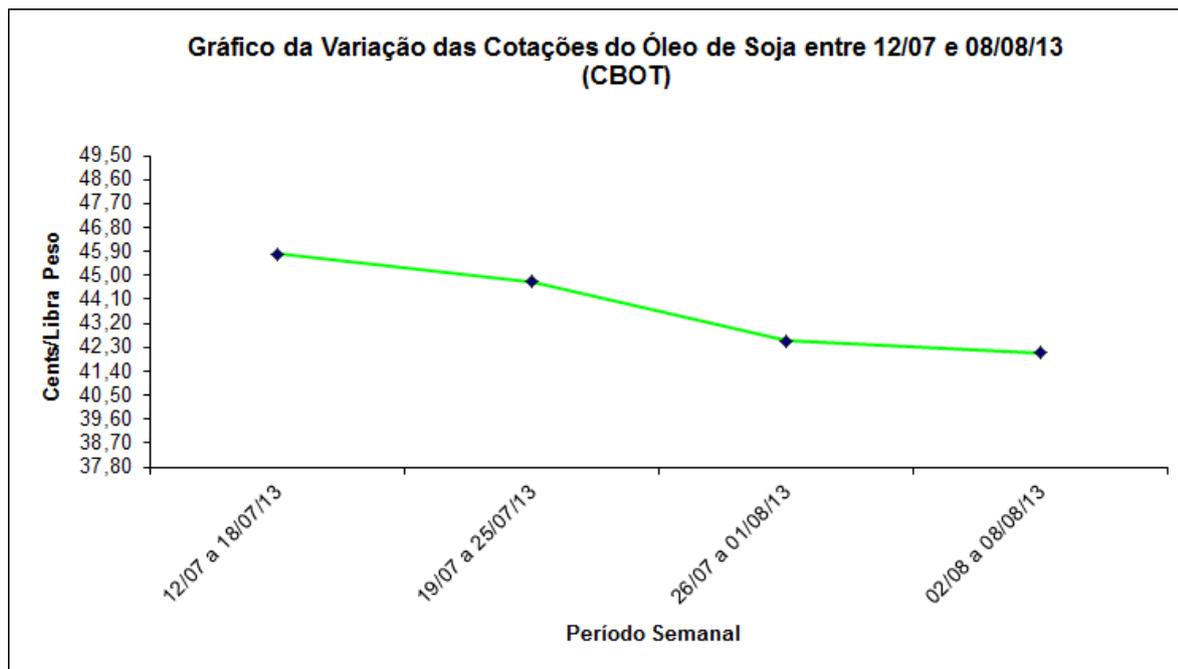
No Paraná, por exemplo, o porto de Paranaguá, para março/14, aponta um valor de US\$ 25,70/saco (R\$ 59,10/saco ao câmbio de hoje), enquanto o disponível está em R\$ 65,00/saco. No Rio Grande do Sul, para maio/14, o FOB interior está pagando R\$ 59,50/saco. No Mato Grosso, a soja foi cotada a R\$ 48,50/saco para fevereiro/março do próximo ano, na região de Rondonópolis. Em Dourados (MS), indicações nominais de preços a R\$ 48,00/saco para março. Em Goiás, para fevereiro, o saco de soja está em US\$ 21,50 (R\$ 49,50 ao câmbio de hoje), enquanto a região de Brasília, para abril/14 registra valores de R\$ 51,50/saco na compra. Em Minas Gerais, para abril/14, a compra ficou em R\$ 51,00/saco. Enfim, na Bahia, Maranhão, Piauí e Tocantins, para maio do próximo ano, o preço da soja, na compra, fechou a semana respectivamente em R\$ 53,00; R\$ 52,00; R\$ 54,00; e R\$ 51,30/saco. (cf. Safras & Mercado)

Enfim, a importante newsletter brasileira Safras & Mercado indicou que os agricultores de grandes países produtores como o Brasil, China e Índia serão beneficiados pelo fim de um dos dois grandes cartéis globais da indústria de potássio, ingrediente de fertilizantes fundamentais para importantes países produtores de alimentos do mundo. A saída da russa Uralkali da joint venture Belarus Potash Company (BPC), anunciada nesta semana, abre caminho para os consumidores exigirem reduções substanciais de preços de potássio, na avaliação de representantes do setor. China e Índia respondem por cerca de 30 por cento da demanda global de potássio, e tinham sido forçados a aceitar os altos preços por uma década em um mercado dominado pela BPC, integrada pela Uralkali, e pela Canpotex, da América do Norte. Assim como Índia e China, o

Brasil é um grande importador de potássio, comprando no exterior cerca de 90% do insumo para a produção de fertilizante.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 12/07 a 08/08/2013.





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago continuaram fracas, acompanhando o movimento da soja. O fechamento desta quinta-feira (08) ficou em US\$ 4,73/bushel, contra US\$ 4,68 na véspera.

A possibilidade de uma safra cheia nos EUA, a ser confirmada no relatório do USDA deste dia 12/08 (é o que o mercado espera), com chuvas e clima normais, não oferece condições para altas de preços, como se previa há algum tempo. Nem mesmo o petróleo subindo a US\$ 107,00/barril durante a semana, o que favorece a demanda por etanol de milho nos EUA, reverteu o quadro baixista. Aliás, será preciso muito mais do que isso para a retomada das altas naquela Bolsa, diante do conjunto de informações baixistas que surgem semanalmente. Senão vejamos:

- 1) O clima é bom no meio-oeste estadunidense, com chuvas gerais, inclusive com retorno das mesmas lá onde a situação começava a preocupar;
- 2) Não há nenhuma previsão de geadas precoces na região produtora dos EUA;
- 3) Dados positivos da economia mundial em geral levam os fundos, já sem grande fôlego para continuar especulando em commodities, a saírem destes ativos com maior rapidez e volume;
- 4) Analistas privados, se antecipando ao USDA avançam safra recorde nos EUA para o milho. A FC Stone apontou uma produção final de 355,4 milhões de toneladas, com estoques finais ao redor de 51 milhões de toneladas naquele país. Por sua vez, a Informa Economics indica 359 milhões de toneladas, com

- uma produtividade média ao redor de 9.958 quilos/hectare (outras estimativas chegam a indicar uma produtividade média na casa de 10.046 quilos/hectare);
- 5) As condições das lavouras dos EUA, até o dia 04/08, apresentavam 64% das mesmas entre boas a excelentes, com 86% em fase polinização e 18% em enchimento de grão, caminhando para sua definição;
 - 6) As exportações estadunidenses na semana anterior chegaram a 383.676 toneladas de milho, ficando dentro do esperado pelo mercado;
 - 7) Enfim, o mercado já registra pressão de venda de milho por parte da Ucrânia e do Brasil, sendo que o país do Leste europeu tem oferecido milho a US\$ 190,00/tonelada FOB, o que equivale a US\$ 4,10/bushel para dezembro. (cf. Safras & Mercado)

Nessas condições, o mercado espera que em dezembro, tudo se confirmando na linha indicada, Chicago venha a romper o piso dos US\$ 4,00/bushel.

Paralelamente, a tonelada FOB de milho na Argentina e no Paraguai recuou para US\$ 225,00 e US\$ 126,00 respectivamente.

Já no Brasil, os preços médios continuaram cedendo. O balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 23,23/saco, enquanto os lotes ficaram ao redor de R\$ 24,00 a R\$ 24,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 9,00/saco em Sapezal (MT) e R\$ 25,00/saco nas regiões catarinenses de Videira e Concórdia.

O mercado esperava o anúncio de leilões de Pepero para o Mato Grosso, mas também para o Mato Grosso do Sul e Goiás. O problema é o destino do produto, já que o Nordeste já não está mais comprando grandes volumes, e o mercado internacional não indica compra de milho brasileiro a partir de outubro. O governo estaria com estoques ao redor de 450.000 toneladas e a realização de AGFs viria para recompor os mesmos. Mas, diante de preços debilitados os produtores poderão segurar o produto, gerando um problema mais agudo no futuro, quando a nova safra de verão vier a ser colhida, a partir de fevereiro.(cf. Safras & Mercado)

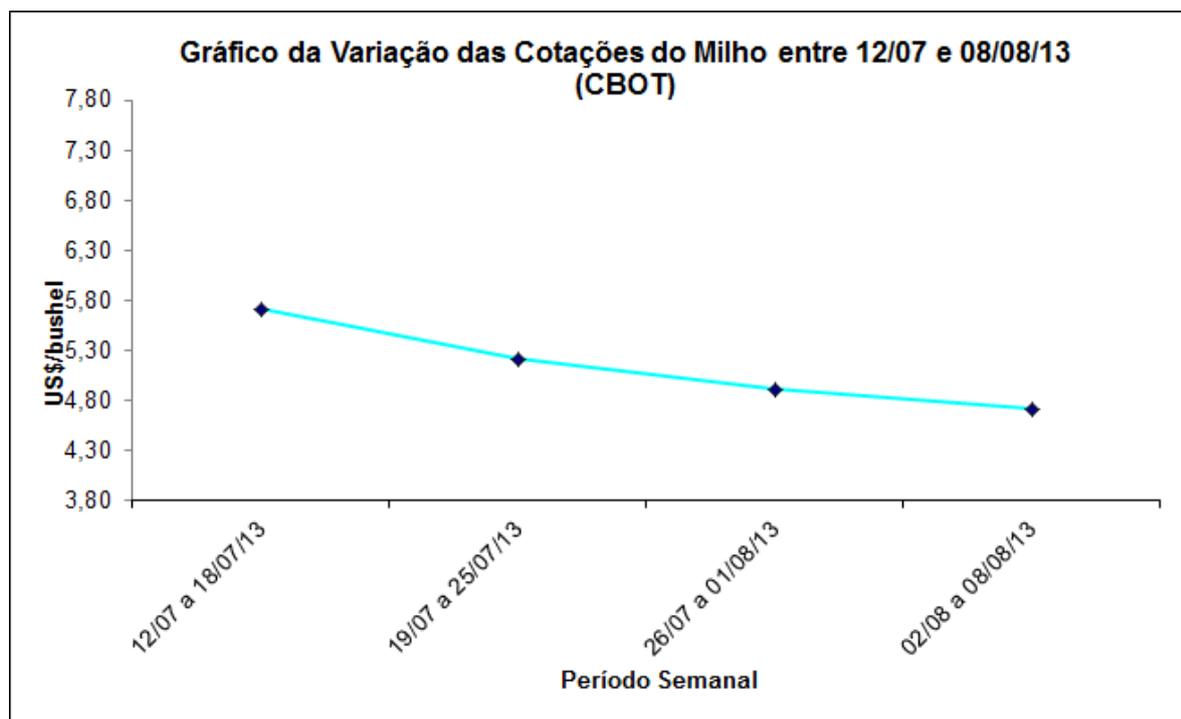
Em termos de exportação, o mês de julho ficou com apenas 733.000 toneladas, elevando o acumulado do ano comercial, iniciado em fevereiro, a 5,7 milhões de toneladas. Ora, para alcançar volumes próximos a 2012, que superaram as 20 milhões de toneladas, o país precisaria, a partir de agosto, exportar mensalmente algo em torno de 3 milhões de toneladas até janeiro. Diante do atual quadro de mercado, um desafio impossível de ser vencido.

Portanto, a tendência geral continua de recuo de preços do milho, especialmente na região Sul do país, a partir da importação do milho safrinha que a cada semana perde preço. Afinal, o consumo interno está plenamente abastecido pela safrinha, que vem sendo depositada sob lonas, ao ar livre, no Centro-Oeste, em função do volume colhido e da falta de armazenagem disponível. O reflexo disso é o forte recuo nos preços do sorgo, substituto parcial do milho nas rações animais. Após ter ultrapassado os R\$ 20,00/saco no início do ano, o mesmo já é negociado abaixo de R\$ 14,00/saco em Goiás e abaixo de R\$ 20,00/saco no Rio Grande do Sul.

Enfim, a importação, no CIF indústrias brasileiras, fechou a semana em R\$ 40,01/saco e R\$ 39,76/saco respectivamente para o produto dos EUA e da Argentina, ambos para

agosto. Já o produto argentino, para setembro, ficou em R\$ 36,31/saco. Na exportação, o transferido via Paranaguá, registrou os seguintes preços: R\$ 24,00/saco para agosto; R\$ 24,52 para setembro; R\$ 23,15 para outubro; R\$ 22,41 para novembro; R\$ 22,78 para dezembro; R\$ 23,29 para janeiro; R\$ 23,53 para fevereiro; e R\$ 23,46/saco para março. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 12/07 a 08/08/2013.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago cederam durante a semana, fechando a quinta-feira (08) em US\$ 6,41/bushel, após US\$ 6,58 uma semana antes.

Nos EUA, enquanto o mercado espera o relatório de oferta e demanda, previsto para este dia 12/08, as vendas líquidas de trigo, referentes ao ano comercial 2013/14, atingiram a 596.900 toneladas na semana encerrada em 25/07, recuando em relação as 661.400 toneladas da semana anterior e ficando 36% abaixo da média das últimas quatro semanas, segundo Safras & Mercado. Do total vendido, o Brasil comprou 88.300 toneladas na semana. Já as inspeções de exportação dos EUA, na semana encerrada em 01/08, atingiram a 692.985 toneladas, acumulando no ano comercial 2013/14, iniciado em 01/06, um total de 5,77 milhões de toneladas, contra 4,58 milhões em igual período do ano anterior.

Por sua vez, a Ucrânia anuncia um avanço em sua colheita, esperando um volume final de 19,5 milhões de toneladas, contra 15,8 milhões no ano anterior. Assim, o saldo para exportação chegaria a 8,0 milhões de toneladas naquele país. Já a Austrália informa que sua colheita de trigo, neste ano, deverá atingir a 25,5 milhões de toneladas, superando em 3,5 milhões o volume do ano anterior.

Nessas condições, os compradores internacionais se retraem esperando novas quedas nos preços internacionais do cereal até o final do ano.

Neste sentido, o Mercosul indicou preços ao redor de US\$ 270,00/tonelada para o produto argentino entre dezembro/janeiro, na compra. Em Necochea a venda chegaria a US\$ 280,00/tonelada. No câmbio atual (R\$ 2,30) esse produto chegaria aos moinhos paulistas ao redor de R\$ 805,00/tonelada, colocando o preço FOB nas regiões produtoras do Paraná ao redor de R\$ 696,00/tonelada. (cf. Safras & Mercado)

Aqui no Brasil, diante da entressafra, da menor oferta originária da safra passada, da falta de produto do Mercosul, e do esgotamento dos estoques públicos, os preços imediatos se mantêm elevados, pois a oferta está dependendo apenas da importação de trigo de países externos ao Mercosul. Tal trigo, que estava barato devido ao recuo dos preços mundiais e da retirada da TEC de 10%, até o dia 31/08, se tornou muito caro nestes últimos meses em função da forte desvalorização do Real. Assim, os preços internos seguem pressionados para cima no curto prazo. Auxilia para isso a confirmação de importantes quebras na safra do Paraná, devido as geadas de julho. Quebra esta que segue sendo estimada ao redor de 25% a 30%, porém, ainda sem confirmação. Por enquanto, continua a estimativa de que apenas 47% das lavouras paranaenses estariam em boas condições e 21% em condições ruins. O problema maior está ainda no fato de se quantificar a quebra de qualidade do trigo que será colhido.

Nesse contexto a produção brasileira deve recuar para níveis entre 4,8 e 5,0 milhões de toneladas em relação as 5,6 milhões inicialmente projetadas. No curto prazo, o mercado entra em ebulição a cada dia que passa, com os moinhos diminuindo a moagem devido a falta do grão. O preço para o consumidor final logo mais irá aumentar novamente nestas circunstâncias. Além disso, o Brasil poderá ter que importar 8 milhões de toneladas neste novo ano comercial, após as 7 milhões do ano que finda.

Apesar de tudo isso, o mercado espera a volta à normalidade, com preços mais baixos, a partir da entrada da nova safra, que agora será retardada no Paraná, e a colheita na Argentina e demais países do Mercosul. Neste último caso a produção será bem melhor e o volume a ser exportado de trigo daria conta da demanda brasileira.

E a normalidade no Brasil, apesar dos altos preços atuais, é de o preço do trigo retornar aos níveis do valor mínimo indicado pelo governo, incluindo o produto de qualidade superior.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que os preços brasileiros fecharam a semana com o balcão gaúcho registrando R\$ 33,46/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 820,00 e R\$ 850,00/tonelada. No Paraná, os lotes se mantiveram entre R\$ 920,00 e R\$ 1.000,00/tonelada.

A boa notícia surgida na semana veio da Somar Meteorologia que apontou a reversão nas previsões da chegada de nova e forte massa de ar polar no sul do país a partir de 10/08. Segundo a mesma fonte, não haveria previsões de novas geadas na região pelos próximos 20 dias. Isso alivia o Paraná, porém, ainda está longe de aliviar os trigais gaúchos, os quais permanecem suscetíveis a intempéries do gênero até o início de outubro.

Enfim, na paridade de importação, o trigo dos EUA, nas condições de câmbio e logística atuais, chega aos moinhos paulistas ao redor de R\$ 904,00/tonelada, colocando o produto do interior do Paraná a um valor de R\$ 794,00/tonelada para ser competitivo. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 12/07 a 08/08/2013.

